

123456789101112

# **A Hipótese Cinema**

Pequeno tratado  
sobre a transmissão  
do cinema dentro  
e fora da escola

**Alain Bergala**

IMPRESA NACIONAL

- 9 A Hipótese Cinema**  
Pequeno tratado sobre a transmissão do cinema dentro e fora da escola
- 11 I A EXPERIÊNCIA FOI PROVEITOSA
- 24 II A HIPÓTESE
- 29 III ESTADO DE COISAS E ESTADO DE ESPÍRITO
- 43 IV O CINEMA NA INFÂNCIA
- 64 V CEM FILMES PARA UMA CULTURA ALTERNATIVA
- 79 VI PARA UMA PEDAGOGIA DOS FRAGMENTOS DE FILMES RELACIONADOS
- 88 VII POR UMA «ANÁLISE DE CRIAÇÃO»
- 117 VIII CRIAR EM SALA DE AULA: A PASSAGEM AO ATO
- 147 «Falar e escrever sobre filmes e ensinar cinema são as derradeiras e únicas formas de resistência contra o consumo e a amnésia»**  
Conversa com Alain Bergala

Alejandro Bachmann

**«Falar e escrever sobre filmes e ensinar cinema são as derradeiras e únicas formas de resistência contra o consumo e a amnésia»**

Conversa com Alain Bergala

**ALEJANDRO BACHMANN** Passaram catorze anos desde a publicação do seu livro *A Hipótese Cinema* em francês. Tendo-o relido recentemente, impressionou-me como este revela de diversas formas uma sensibilidade para com o estado global da nossa cultura e o futuro, tanto no que se refere à relação do cinema comercial com «tudo o resto» como às possibilidades do DVD e da Internet enquanto ferramentas para a educação cinematográfica. Olhando para trás, o que pensa sobre o impacto que o livro teve e em que medida teria mudado a sua abordagem em 2016, se é que o teria feito?

**ALAIN BERGALA** Em geral, *A Hipótese Cinema* antecipou com bastante precisão os quinze anos que se seguiram à sua publicação, especialmente o papel do DVD. Em 2000, quando sugeri ao Secretário de Estado da Educação que produzisse novos instrumentos pedagógicos sob a forma de DVD, praticamente não havia leitores de DVD nas salas de aula e muitas pessoas do ministério não acreditavam nessa ideia. Tratava-se de uma aposta no futuro, e eu não tinha a certeza absoluta do seu sucesso. A minha escolha não era motivada por razões tecnológicas, mas principalmente por razões pedagógicas. O DVD permitia uma pedagogia de fragmentos, permitindo colocar uns fragmentos em relação com os outros, o que me parecia fundamental quando se tratava de ensinar cinema. Desde então, nunca senti a necessidade de abandonar esta ideia de um método comparativo. Na nossa situação atual, e considerando a forma como hoje nos relacionamos com o cinema, parece-me uma ideia mais sensata que nunca.

A maior mudança ocorrida desde 2000 está relacionada com a forma como vemos filmes e como vemos excertos de filmes. Presentemente, podemos falar de uma atomização e nomadização do cinema. A atomização prende-se com o facto de existir uma grande diversidade de filmes e excertos de filmes disponível *online*. Em *websites* como o YouTube, o Daily Motion e o Vimeo, pode-se encontrar uma quantidade aparentemente infinita de excertos de filmes dos mais diversos tipos, sem ter em conta os formatos e qualidade de som e imagem frequentemente inferiores, claro. A nomadização é causada pela multiplicação de dispositivos nos quais se podem ver filmes, como computadores, *tablets* e *smartphones*. Esta oferta é totalmente dispersa e anárquica. É tempo de pensar numa pedagogia do cinema via YouTube. Estou atualmente a trabalhar precisamente nisso.

**BACHMANN** Eu próprio ensinei cinema a crianças e alunos durante alguns anos e fui grandemente influenciado pelas ideias e conceitos que esboça neste livro. Tive a sorte de ter tido acesso à tradução alemã do texto, publicada em 2006 graças aos esforços de Bettina Henzler e Winfried Pauleit. A presente tradução em inglês destina-se a divulgar as suas ideias a um grupo ainda mais alargado de educadores de cinema. A noção de «tradução» torna-se, assim, não só uma questão de língua falada (ou escrita), mas também uma questão de contexto cultural: escrever como cinéfilo em França não pode ser dissociado da forte cultura cinematográfica do país. Pensa que uma possível escassez de cultura cinematográfica pode constituir um problema noutros países em que tentem implementar o seu método, tendo em conta que a apreciação do valor e importância dessa forma de arte pode não se encontrar tão plenamente estabelecida como em França? Haverá algo que possa vir a ser «perdido na tradução»?

**BERGALA** A pedagogia que sugeri no meu livro baseia-se, sobretudo, na experiência direta dos jovens de ver filmes e excertos de filmes. Antes de mais nada, esta experiência é muito íntima e pessoal, estabelecendo-se entre o filme e a pessoa que o vê, e não estando necessariamente dependente do contexto cultural em que estes filmes foram realizados. A minha experiência de trabalho com crianças de países tão diferentes como o Brasil e o Japão mostrou que essa experiência é basicamente independente da existência de uma determinada cultura cinematográfica neste ou naquele país. Os jovens brasileiros têm tanto a dizer sobre a comparação de três filmes do – digamos – Irão, de França e Itália como os jovens franceses ou as crianças portuguesas. É por isso que sempre tive como preocupação fundamental no meu trabalho a escolha de filmes e excertos de filmes de todos os países e contextos culturais. O cinema habita o seu próprio território. Trata-se de um mundo desprovido de nacionalismo. Contudo, e embora me entristeça dizê-lo, penso que o jovem francês de hoje, nascido numa nação com uma forte cultura cinematográfica, dificilmente saberá alguma coisa sobre cinema e este não terá qualquer impacto real sobre si. Um encontro com o cinema nas suas aulas de francês poderia ajudar a mudar um pouco esta situação.

## **A HIPÓTESE CINEMA**

PEQUENO TRATADO SOBRE  
A TRANSMISSÃO DO CINEMA DENTRO  
E FORA DA ESCOLA

### Edição

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.  
Av. António José de Almeida  
1000-042 Lisboa  
www.impresnacional.pt  
www.incm.pt  
www.facebook.com/ImprensaNacional  
editorial.apoiocliente@incm.pt

### Plano Nacional das Artes

Campo Grande, n.º 83 – 1.º  
1700-088 Lisboa  
www.pna.gov.pt

### Textos

Alain Bergala

### Tradução

Kennistranslations  
(José António Oliveira e Raquel Reis)

### Design gráfico

Change is good (José Albergaria, Rik Bas Backer)

### Revisão

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.

### Paginação

Paulo Condez (NADA)

### Fontes

Antwerp (a2-type) e Azo Sans (R-Typography)

### Papel

Munken Lynx 300 g/m<sup>2</sup>  
Coral Book White 100 g/m<sup>2</sup>

### Pré-impressão, impressão e acabamento

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.

© Edição: Imprensa Nacional-Casa da Moeda,  
S. A. e Plano Nacional das Artes, 2021

Reservados todos os direitos de acordo com  
a legislação em vigor

Publicado pela primeira vez por  
© 2002, Cahiers du Cinéma

1.ª edição, dezembro de 2021

### ISBN

978-972-27-2897-3

Depósito Legal

489330/21

Edição n.º 1024632

Imprensa Nacional  
é a marca editorial da

**INCM**



REPÚBLICA  
PORTUGUESA

CULTURA

EDUCAÇÃO



**PNC**  
PLANO NACIONAL DAS ARTES

## A Hipótese Cinema

Pequeno tratado sobre a transmissão  
do cinema dentro e fora da escola

No ano de 2000, Jack Lang encarregou Alain Bergala de elaborar um projeto para o cinema, no âmbito do plano de cinco anos para a introdução das artes no currículo obrigatório desde o ensino básico, o qual seria implementado pela Missão de Educação Artística e de Ação Cultural, na qual Bergala ocupa o cargo de conselheiro para o cinema. Tal como sugere a expressão «pequeno tratado», Alain Bergala assina aqui uma obra de tomada de posição, de intervenção, escrita ao sabor do momento, no calor da batalha, mas também um texto de reflexão, sustentado numa experiência de mais de vinte anos e em propostas concretas para uma iniciação ao cinema.

Neste se formula a «hipótese do cinema» que guia esta ação, definindo-se as condições para que a transmissão do cinema seja inovadora, tanto dentro como fora da escola: não nos esqueçamos de que o cinema é, antes de mais, uma arte, mas também uma cultura cada vez mais ameaçada pela amnésia e, por fim, uma linguagem, pelo que requer uma aprendizagem.

Alain Bergala responde muito concretamente, com paixão e algum sentido de polémica, a toda uma série de questões que são colocadas àqueles que hoje se encontram na posição de passeurs. A questão preliminar e central consiste em saber como ensinar o cinema enquanto arte em ambiente escolar, tendo em conta que a arte é – e deve permanecer – precisamente uma semente de mudança profunda na instituição.

Como escolher os filmes a mostrar aos alunos? Como expor as crianças a este encontro? O que nos oferece o DVD? Deve falar-se do cinema e da televisão? A educação em cinema passará obrigatoriamente pela passagem ao ato de realização na sala de aula? Como seria uma análise de filmes que visasse uma iniciação à criação?

Numa altura em que as turmas do projeto sobre o cinema fazem o balanço das suas primeiras experiências, este ensaio permite situar os desafios do seu desenvolvimento em grande escala no contexto global da Educação Nacional, desde o infantário até ao 12.º ano, bem como, de um modo mais geral, os desafios à transmissão do cinema como arte às gerações mais jovens.

Alain Bergala é cineasta de ficção e de documentários e ensina cinema na Universidade de Paris III. Foi também chefe de redação da revista Cahiers du Cinéma.